

ESTUDAR ARTE MELHORA CAPACIDADE DE OBSERVAÇÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Mary Beth Nierengarten
6 de fevereiro de 2018

O interesse pela integração das artes e das ciências humanas na formação médica não é nenhuma novidade. Vários programas em diversos países agora oferecem (ou exigem) que os estudantes de medicina tenham aulas em disciplinas de artes ou ciências humanas para ajudar a adquirir as aptidões fundamentais para o bom atendimento clínico, como a observação, o pensamento crítico, e a empatia. Até hoje, contudo, poucos estudos avaliaram formalmente o efeito desse tipo de capacitação especificamente na competência clínica.

Atualmente, um estudo randomizado e controlado [publicado](#) na edição de janeiro do periódico *Ophthalmology* fez exatamente isso. A Dra. Jaclyn Gurwin, médica residente de oftalmologia da *University of Pennsylvania Perelman School of Medicine*, na Filadélfia, e colaboradores, descobriram melhora importante da capacidade de observação entre os estudantes que fizeram cursos formais de observação em artes, em comparação com os estudantes que não os fizeram.

"Este artigo é importante porque demonstra que um programa estruturado de observação artística melhorou a capacidade de observação de imagens clínicas de estudantes do primeiro ano de medicina", disse o Dr. Barry S. Collier, médico, vice-presidente de assuntos médicos, chefe de equipe, e *David Rockefeller Professor of Medicine* da *Rockefeller University*, na cidade de Nova York. O Dr. Collier ajuda a lecionar no *Pulse of Art Course*, na *Icahn School of Medicine at Mount Sinai*, curso projetado para aprimorar a capacidade de observação por meio do estudo da arte e da história da medicina.

No estudo em tela, os pesquisadores distribuíram aleatoriamente 36 estudantes de medicina do primeiro ano para um grupo de curso de arte ($N = 18$) ou para um grupo de controle ($N = 18$). Os alunos do grupo do curso de arte participaram de seis sessões, durante três meses, de observação artística personalizadas para o grupo, realizadas no *Philadelphia Museum of Art*.

Cada sessão de arte durou 1,5 hora e foi ministrada por educadores profissionais do museu, usando um método denominado *Artful Thinking*, que começa com a aproximação de uma obra de arte com introspecção e observação, antes da interpretação. As sessões incluíram aulas sobre os princípios da arte, o vocabulário usado nas descrições artísticas, observação descritiva, comparação e interpretação. Os alunos do grupo de controle não fizeram nenhum curso de arte.

Para avaliar o efeito do curso de observação artística, todos os alunos no estudo fizeram testes pré e pós-intervenção. Os testes solicitavam aos alunos que descrevessem por escrito as suas observações de três diferentes tipos de imagens: imagens artísticas, imagens da retina e imagens da parte externa dos olhos exibindo doença ocular ou periocular.

Utilizando critérios predeterminados específicos para cada tipo de imagem, os testes foram classificados por dois oftalmologistas e um estudante do quarto ano de medicina (imagens da retina e externas do olho) ou educadores de arte (imagens artísticas). Os pontos foram atribuídos à identificação de observações específicas, determinadas no guia de classificação de cada tipo de imagem. Por exemplo, a rubrica de imagens da retina concedia pontos para a descrição correta da observação específica de hemorragia retiniana com cisto hemorrágico central, histoplasiose ocular, coriorretinite e doença de Stargardt. Os resultados dos alunos

eram anônimos, de modo que os avaliadores não sabiam qual estudante de medicina estavam avaliando, nem se tratava-se de um teste pré ou pós-intervenção.

Os alunos que participaram do curso de arte tiveram melhora significativa da capacidade de observação global em comparação ao grupo de controle, com uma média de alteração da pontuação entre o teste pré e pós-curso de + 19,1 e - 13,5, respectivamente ($P = 0,001$). A melhora também foi observada quando restrita às descrições das imagens da retina (+ 6,1 vs. - 2,8; $P = 0,001$), às imagens externas dos olhos (+ 6,7 vs. - 3,1; $P < 0,001$), e às imagens artísticas (+ 6,2 vs. - 7,6; $P = 0,047$).

O autor sênior do estudo, Dr. Gil Binenbaum, da *Richard Shafritz Endowed Chair in Pediatric Ophthalmology Research, The Children's Hospital of Philadelphia, University of Pennsylvania*, disse ao *Medscape* que está cautelosamente otimista que estes resultados indicam a melhora da capacidade de observação por meio do estudo da arte podendo melhorar a capacidade de observação clínica.

Embora sejam necessários mais estudos para saber como estas conclusões dizem respeito à prática clínica, e se trazem melhora à assistência ao paciente, Dr. Binenbaum observa que a capacidade de observação é fundamental para a prática da medicina e, no entanto, os alunos de medicina não aprendem a fazer estas observações.

"Uma das razões pela qual fizemos parceria com educadores em arte é acreditarmos que a observação é importante para a medicina, e que não estamos ensinando explicitamente a observação na faculdade de medicina", continuou o pesquisador. Dada a importância da observação na medicina, o Dr. Binenbaum acredita que as conclusões do estudo possam ser aplicadas a todas as áreas da medicina, não apenas à oftalmologia.

Além disso, o autor enfatizou que a melhora da capacidade de observação por meio da formação artística pode ter outros efeitos benéficos para os estudantes de medicina, muito além do que o estudo revelou. Por exemplo, conversas de acompanhamento de alguns dos participantes do estudo revelaram que muitos sentiram que o treinamento da arte tinha ajudado-os a serem mais abertos a várias interpretações ou a diferentes maneiras de observar algo específico, o que por sua vez ajudou-os, por exemplo, nas enfermarias, e a trabalhar em equipe para compreender um quadro clínico.

Dr. Collier também observou este benefício entre os participantes. "Vale destacar que as discussões entre os alunos sobre as imagens também tiveram repercussões positivas em pelo menos parte da abertura dos estudantes às interpretações dos outros alunos", disse o professor ao *Medscape*.

Esta abertura pode ter o benefício fundamental de levar as artes para a formação médica. No [editorial](#) que acompanha o estudo, dois jornalistas, David Epstein e Malcolm Gladwell, elogiaram o estudo por demonstrar os potenciais benefícios do que eles chamam de "preparação interdisciplinar". Lançando mão do exemplo do biólogo ganhador do prêmio Nobel, Howard Temin, e de Galileu antes dele, os jornalistas apontam para a amplitude e a profundidade do conhecimento destes homens fora de seus principais campos de estudo.

Os editorialistas "diriam que fazer outras coisas fora da própria disciplina estimula outras partes do cérebro, a atenção, a consciência e o pensamento, e ajudam a esmerar o trabalho principal", disse o Dr. Binenbaum ao *Medscape*.

"Eu sempre acreditei que a virtude de uma educação diversificada fosse real, mas não quantificável", disse Gladwell ao *Medscape* por e-mail – ele é escritor da equipe do *New Yorker* e autor *best-seller* de vários livros.

"Mas Gurwin *et al.* conseguiram realmente identificar um claro benefício! Espero que outros pesquisadores sigam o exemplo".

Os autores e os editorialistas informam não ter nenhum conflito de interesses.

Oftalmologia.2018;125(1):2-3,8-14. [Artigo](#), [Editorial](#)